

## **Paredes falsas**

*Laura Cosendey*

Há paredes falsas entre nós. Se não estivermos atentos, não vamos nem mesmo percebê-las, pois o mundo construído é feito de forma que suas estruturas não sejam notáveis. O gesto de mostrar o que está por trás e não vemos pode ser simples: Felipe Abdala retira as fitas crepe que escondem rachaduras das paredes falsas da galeria e as reposiciona espelhadas no piso, em linhas que guardam sua forma. Parece ser preciso deslocá-las com esta dobra para então percebermos sua presença, ao criar a impressão de um movimento no/do espaço.

Para dar visibilidade a estes elementos, é só deixar aparecer. Mais do que revelar resquícios da história da parede em variações de tons, deixar as estruturas que estão por trás à mostra é também entendê-las como marcas de objetividade que separam o mundo real da ilusão do espaço expositivo. As fitas tornam-se então índices da condição da galeria, sempre renovada em tinta branca como um esforço de neutralização, para preservar sua imutabilidade. É uma operação de ativação do espaço, na qual detalhes da arquitetura começam a despontar. A exposição não é um momento suspenso, pois quando a percorremos, o espaço também se move conosco e se modifica.

Na galeria colocamos o que deve ser visto, um ambiente concebido de forma a orientar naturalmente o nosso olhar. É verdade que podemos circular de forma dinâmica, mas a responsabilidade de perceber o que realmente está lá é do sujeito que visita. A museografia não se limita aos aspectos visíveis, está também nos circuitos curatoriais, nas balizas que conduzem nossas atitudes e como usamos uma exposição. Em cada prédio, em cada instituição, o lugar a ser trabalhado apresenta limites particulares – placas de reboco ou pisos que não podem sustentar determinados pesos, a necessidade de respeitar rotas de circulação, entre diversas outras condições. Para interferir na arquitetura expositiva, é preciso compreender as lógicas do espaço e localizar esses eixos. A ação é criada a partir das situações encontradas no local, a fim de provocar quem passa e propor um olhar mais cuidadoso.

Pois é preciso somente puxar uma fita crepe para lembrar que as salas do antigo palacete foram disfarçadas, respeitando os ornamentos e colunas, para permitir sua função como galerias de exposições temporárias? Os painéis que cobrem o real perímetro da galeria não só servem para esconder fios e instalações elétricas, eles criam a ilusão de unidade do espaço expositivo. Mal percebemos a descontinuidade dessas paredes de revestimento em relação ao pé direito. Apontar estes índices pode ser uma estratégia para contestar de que maneiras estes espaços são orientados. Estas reapropriações da arquitetura buscam resgatar uma sensibilidade do corpo na passagem pelo espaço expositivo. Artistas ou não (curadores ou não), preservamos ainda nossa condição de espectadores.